

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA

27 DE FEVEREIRO

ANNO 2. N. 20.

PROPRIETARIOS; ZACARIAS SALCEDO & H. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre 25.000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE

NO RIO GRANDE

2 8 7 1

AMERICA

Esclarecimento.

Motivos imprevistos e aliás imperiosos, forçaram-nos á faltar com um numero da America á seus assignantes.

Crêmos, porém, que esta involuntaria irregularidade na impressão e distribuição da America não se reproduzirá.

Devemos, contudo um numero, que na primeira occasião opportuna será satisfeito, fazendo distribuir na semana em que houver um dia de guarda, dous numeros.

A America, está hoje mais solida que nunca, e se houve uma momentanea interrupção em sua marcha não importará isso sua decadencia futura, — nós ao menos assim o esperamos.

Brevemente, teremos occasião, de apresentar á nossos leitores alguns melhoramentos, na intenção de prolongarmos o credito que este jornal possa merecer no conceito publico.

VARIÉDADE

A mão do diabo.

(Conclusão.)

Eis o que acontecera. Na perturbação com que Guilherme sahira, deixára a porta mal fechada; e a violencia do vento a abria com impeto, e a buha que ella fazia gyrando nos gonzoos, junta á ventania que entrava pela casa dentro tornaram-se sobremodo incommodas á Ricardo, que chamou pela mulher, mas inutilmente. Enfim levantou-se, mas era tal sua frequencia, que, chegando á porta, cahiu no assoalho; este abalo produziu lhe um abundante vomito de sangue; e o abcesso, causa da molestia, rebentára, e Ricardo mais aliviado, sentiu uma grande vontade de dormir; arrastou-se pois como pôde até a cama, onde cahiu em um sono profundo.

Quando Guilherme o viu adormecido gritou:

— Meu irmão está curado, e eu... eu estou damnado!

Passou o resto da noite sem dormir; pela manhã vencido pela fadiga, e pelas commoções pôde conciliar o somno alguns instantes, acordando quasi logo em sobresalto, exclamando:

— Meu Deus tende piedade de mim!

Sonhára que o diabo o arrastava para as profundidades da terra.

Uma semana depois havia Ricardo continuado os seus trabalhos ordinarios renascendo com a saude a paz e a alegria na cabana dos pescadores.

Guilherme, que durante algum tempo parecia triste e pensativo, recuperára o seu antigo genio, unicamente o menor incidente, que lhe recordasse aquella noite funesta, o fasia recahir na mais profunda melancolia; e a sua imaginação achava então a cada passo novos pretextos para terrores invencíveis. Se tivesse assassinado mil homons ou incendiado a sua aldeia com a mão direita, teria considerado isso como um accidente ordinario; se acontecesse porém quebrar-se-lhe uma vasilha de barro que tivesse na mão esquerda parecia-lhe então que o diabo se servia d'esta mão, como sua propriedade.

Junto o leitor a isto, que a ociosidade natural da mão esquerda era ainda augmentada por elle, e que não tocava objecto algum com esta mão, que não quebrassem ou deixasse cahir.

Ao domingo na ermida tinha sempre esta mão escondida debaixo da jaqueta, e muitas vezes ajoelhado sobre a pedra, chorava amargamente pedindo perdão a Deos. Ninguém comprehendia tal excesso de devoção, e Guilherme não dava resposta ás perguntas que lhe faziam. Uma noite de trovoadas impedia-lhe o somno, e passava-a em orações; nunca mais se aventurou a atravessar o mar junto do rochedo por onde duas vezes passára invocando o diabo.

Ricardo e sua mulher, que a este tempo já era mãe, andavam desasocogados, e procuravam distrahir-o. Estas provas de amizade tranquillizavam-lhe mais o espirito, e recuperava a alegria e o socego até ao momento em que novo accidente lhe vinha recordar a fatal noite em que se dera ao diabo.

Guilherme agradou-se de uma menina meiga e linda. Este novo sentimento veio-lhe distrair os tristes pensamentos. Entregue todo ao amor, não tornou a lembrar-se do diabo, e só se occupou da sua Clara. Ricardo e a mulher alegravam-se por o vêr feliz, pois era o que lhes faltava para serem completamente ditos. Na vespera do casamento Guilherme e Clara estavam sentados debaixo da frondosa rama das immensas arvores; o sol baixava no horizonte escondendo-se por entre sombrias nuvens. A esta hora de silencio e recolhimento os dous amantes fallavam do futuro, olhando-se ternamente; o logar e a hora tornavam como que solennes e sagrados os seus pensamentos, as suas palavras e olhares.

— Meu Guilherme, interrompeu Clara com a branda voz, é forçoso que te deixe, meu pai já deve estar com cuidado; e, repara, as nuvens agglomeram-se medonhas, o mar começa a agitar-se; sem faser vento mechem as folhas; e os passaros fogem, é signal de eminente tempestade; até amanhã.

Dizendo isto, tirou do dedo um pequeno anel de prata.

— Aqui tens, é o anel de minha mãe; será elle o meu anel nupcial, amanhã m'o restituirás, entretanto traze-o o resto do dia e toda a noite. Guilherme deu-lhe um beijo, e pelo costume estendeu a mão direita para ella lhe passar o anel no dedo.

— Não, não, Guilherme, gritou ella, na mão esquerda é, aonde se costuma trazer o anel de nupcias.

Guilherme estremeceu e tirou a mão.

— Não, não, redarguiu elle, não quero: nesta mão, em nome do céo, nesta mão.

— Mettes-me medo, Guilherme, os olhos parecem querer saltar-te das orbitas!

E Guilherme fugio correndo como um louco; ao passar junto a Ricardo este bradou-lhe:

— Aonde vas? corre como se o diabo te levasse!

— Ah! e quem te diz que o diabo me não leva!

POESIA

MELODIA ;

I

Era uma tarde linda como ha poucas
N'estas sombrias terras
De nevoa eterna e ventanias rruacas ;
Por cima dessas serras
Das auras ao sabor nvens rosadas
Vagavam brandamente balouçadas
Pelo pendor da serrania brava,
Do monte pelos visos
Da noute a precursora derramava
Seus magicos sorrisos
E pelo valle a viração macia
Aroma e fresquidão a flux vertia.

Ardendo em luz no fundo do horizonte
Como accessa cratera,
Flammeja ao titanico ftoimento
A catadura austera,
Engolfando no azul da esphera limpa
Entre fulgores a dourada grimpia.
E eu tentando erguer o pensamento
As solidões serenas
Do vasto firmamento

Buscava allivio ao fel de acerbas penas
A cujo peso a fronte amargurada
Para o chão me pendia acabrunchada.

Em vão—que sobre a terra estava proca
A mente afflicta, e o coração pesado,
De angustia e de tristeza,
Do soffrimento ao poste estava atado,
Qual Prometheo pregado á penedia
Soffrendo eterna, misera agonia.

Em vão á tarde desfolhando rosas
Sorrio no horizonte,
E murmuravam auras amorosas
A bafejar-me a fronte;
Em vão nos olhos meus se desdobravam
Do firmamento os lucidos caminhos
Em vão,—porque da terra entre os espinhos
Da phantasia as azas se entravavam,
E da tristeza o carregado véo
A' minha alma roubava a luz do céu.

II

Celestes véos purpureos
Da tarde meiga e calma,
— Dizia eu entre angustias
No fundo de minha alma—

O' leves nuvens candidas
Que esvoaçais serenas,
Dos páramos ethereos
Celestes assucenas;

Formosos clarões roseos,
Que repousais nos montes
Dourando aos calvos pincaros
As altaneiras fronte;

Suaes auras tepidas,

Que as faces me affagais,
E halitos balsamicos
Em torno me exhalais,

E vós, sussurros mysticos
De tremulo arvoredo,
Rumor da fonte limpida
No concavo rochedo;

O' arreboes purpureos
Que orlais os céos brilhantes,
Cingindo a curva abodada
De fachos cambiantes;

A's regiões angelicas
Guiai meu pensamento,
Roubai-me aos valles turbidos
Do mundo lutulento.

Levai-me á esphera limpida
Do doce devanejo
E paz suave e placida
Vertei dentro em meu seio.

Da vida nas miserias
Lançai espesso véo,
E meu cansado espirito
Chamai, chamai ao céu.

III

E nem o céu trajado de esplendores
Abrindo o seio limpido e tranquillo,
Mysterioso asylo
A quem soffre da vida os amargores
E nem da terra o mystico remanso,
Mago silencio, que interrompe apenas
Sussurro da folhagem, que de manso
Estremece ao passar de auras serenas ;
Nem o vago murmurio intercadente

Que em fremitos sonoros
Na voz dos echos morre docemente,
Bem como notas de celestes côros
Perdidas pelo espaço.

Ou prece maviosa,
Que timida interrompe a cada passo
Aos pés do altar a virgem lacrimosa,
Nada, nada podia

Arrancar meu espirito abatido,
Do vragem sombria
Em que submergido
Da dôr o austero braço o comprimia.

Qual a fraca avesinha se debate
Entre as malhas da rede que a tortura,

E em vão as azas bate,
Erguer-se ao céu a triste em vão procura ;
E quanto mais forceja e se exaspera,
Mais a infeliz se enleia e se lacera ;
Assim entre cuidados e amarguras
Minha alma attribulada,

Se affogava no fel das desventuras
Da vida affadigada
E em vão pedia ao céu um raio apenas,
De paz e de bonança,

Que lhe ameigasse as mal soffridas penas,
E lhe entreabrísse as flores da esperança.

(Continúa.)

E continuou correndo.

Clara inquieta, entrou em casa do pai ; em seguida foi procurar Ricardo e a mulher e lhes contou tudo o que acontecera ; nenhum delles achou rasão plausivel do sucedido.

Guilherme não veio jantar, o que acabou de contristar todos, porque fasia justamente um anno que Ricardo melhorára, e em attenção a isso preparara-se melhor jantar.

Quando Guilherme se vio longe do irmão e de casa parou.

— Oh ! não, não a farei partilhar a minha sorte ; Clara não será mulher de um homem vendido ao diabo.

E desatou a chorar pensando na felicidade que perdia, depois ajoelhou e orou. Mas a trovada começando e os relampagos brilhando sinistros lhe recordaram a noite funesta. Então perdeu a cabeça, na allucinação em que se achava parecia-lhe que a mão esquerda estava abrasada ; ergueu-se, dirigiu-se á praia e embarcou. Quando se approximou do rochedo estremeceu com a idéa de não poder chegar a matta ; não osando invocar Deos nem o diabo passou a salvo o temeroso passo ; e seguiu temendo sempre que cada relampago allumiasse, o raio que o fulminasse, ou que cada onda o tragasse antes que expiasse o crime, porque a loucura lhe inspirou a idéa de uma expiação :

Chegado ao sitio agradeceu á Deus e começou a percorrer com passo febril toda a matta até que encontrou a encrusilhada ; ali tornou a ajoelhar, e implorou o soccorro divino. O vento quebrava as arvores e abalava os mais grossos carvalhos, ergueu-se, despio o jaleco, arregaçou as mangas da camisa e disse por tres vezes :

— Sr. diabo ! dei-te a minha mão esquerda ; eil-a ! vem busca-la !

E á terceira vez collocando a mão esquerda sobre um tronco, d'um golpe de sua machadinha cortou-a cercia pelo pulso, depois fugio deixando junto á arvore a machadinha e a mão.

Entrou no barco ; a febre q' o devorava era tal, que teve força para remar seguindo a costa, com a única mão que lhe restava.

Quando chegou ao rochedo, as forças faltaram-lhe, e cahiu do joelhos implorando o auxilio de Deus.

No dia seguinte, Ricardo, indo a pescar, encontrou o cadaver, mutilado, do irmão entalado entre as agudas pontas de dois rochedos.

— Que disseis ? murmurou a condessa re-
trocendo.

— Digo, e aqui o conde baixou a voz em
termos que só ponde ouviu a condessa, —
digo, senhora, que meu coração é um ar-
chivo de antigas historias, dessas que pô-
dem servir de espanto às crianças nas lar-
gas noites de inverno, e que poderia re-
cordar-vos varias cousas onde vos provarei, que
jámais haveis tido filla alguma.

A condessa, ao ouvir estas expressões,
lançou um grito e cahiu de costas, cubrin-
do-se o rosto com as mãos.

Mathilde correu ao lado de sua mãe, sus-
tentando-a de um braço enquanto o padre
Roberto a sustentava de outro.

— Oh ! que tens, minha mãe ? exclamou
a generosa joven, esquecendo todos os seus
resentimentos naquelle instante.

— Não é nada, contestou o conde de Mal-
var com seu mais benevolto sorriso : um pe-
queno vagido... de sentimento, sem duvida
porque vai a separar-se de vós.

Havia chegado a scena, a uma dessas si-
tuções em que é preciso retroceder ou pro-
vocar um conflicto, cujas consequencias não
se pôdem medir. O padre Roberto com seu fi-
no talento, conheceu logo o partido q devia
seguir, e ao momento o poz em pratica. To-
mou a mão de Mathilde, e fazendo um li-
geiro cumprimento, dirigiu-se á porta do
salão para marchar-se com sua joven prote-
gida.

Porém n'aquelle instante appareceu um
pagem em o umbral da mesma, vestido lu-
xuosamente, e pronunciou estas palavras :

— O rei !

Não é facil expressar o rapido effeito que
produziram estas expressões.

A condessa como impulsada par um re-
sorte de aço, poz-se de pé; separou os ca-
bellos que cahiam sobre sua fronte, e deu
alguns passos como um automata que por
vez primeira pôe-se em movimento. O conde
de Malvar apesar de seu supremo sangue
frio, pareceu confuso por alguns instantes, e
olhou á de Segalvo, como se quizesse en-
contrar no fundo de seu olhar a causa da
aquella vista. Mathilde deu um grito como
se a ameaçasse um novo perigo, pois adivi-
nhava a origem da chegada do rei.

Pouco tempo bastou para que o padre
Roberto comprehendesse a verdade. Então
recobrou sua serenidade, e em vez de avan-
çar, retrocedeu até apoiar-se na corniz de
alabastro de uma chaminé franceza !

Mathilde ficou no meio da sala, proxima
a cahir desmaiada em um assento.

A condessa avançou até a porta para re-
ceber ao celebre personagem que honrava
sua casa.

Pouco tardou em apparecer este, seguido
de um d'aquelles hespanhóes escurios, que
já por medo, já por ambicao, já por outras
causas, haviam jurado fidelidade aquelle
monarcha improvisado.

Sem embargo, nós que somos amante da
justica e da verdade, faltariamos a estes dois
sagrados principios, se não o retratássemos
com suas proprias côres.

José Napoleão não era aquelle *Pepe Botel-
la*, (*Zé Botija*) que o humor festivo e o espí-
rito nacional dos hespanhóes nos pintou,
grosso, vermelho, semi-bocio, torpe e into-

lerante. José I, era um homem de physiono-
mia sympathica, intelligente, vasada no
mesmo molde que a de seu irmão, sem aquel-
les rastos de aguija que se descobriam na
deste, e sem aquella pureza meia grega e
meia romana, que se assemelhava em algu-
ma cousa aos bustos de Alexandre e Cesar.

Conhecia-se no monarcha hespanhol cer-
ta timidez que contrastava com a clareza de
seu talento e com a bondade de suas inten-
ções ; pois seguramente José comprehendeu
muito melhor que seu irmão o caracter dos
hespanhóes. Adoptara nossos trajos nacio-
naes, para faser-se popular ; procurava fal-
lar nosso idioma, imitar nossas maneiras
e nossos costumes, e reviver nosso antigo ga-
lanteio, de que elle pretendia ser discipulo
consummado.

Seu talento era observado e mais pausado
para conceber que o do seu irmão, porém,
mais propenso a fazer bem. Este sequer jul-
gava dever-se ao seu povo em vez de que o
povo se desse a elle.

Ainda que não é nossa intenção faser um
retrato historico deste homem, já porque
não vamos a ser juizes de seus actos nem
naradores de sua vida, contvdo temos que
dar algumas ligeiras provas de seu caracter
e de suas paixões.

José I, como todos os francezes, havia
admirado a belleza das hespanholas. Havia
encontrado nellas essa fidalguia castelhana
que sabe resistir ao prestigio da riqueza
e da gloria, e isto augmentou duplamente
seu amor ao paiz e seu desejo de permanecer
nelle.

José Napoleão necessitava de um coração
que comprehendesse o seu. Até alli, só ha-
via encontrado facéis conquistas, mulheres
prostituidas anteriormente, que procura-
vam não o amor, senão seu engrandecimen-
to ; e o rei comprehendendo que a côrte de jo-
vens que lhe sorria, não encia seus senti-
mentos.

Alguns que conheciam a condessa de
Segalvo, tiveram com ella conferencias se-
cretas, resultando de tudo isto que o rei de-
sejava vêr á Mathilde, de cuja formosura
lhe haviam feito os mais altos elogios.

A condessa sabia quanto podia ganharse
lograva que sua filla fosse amada do rei ;
dirigio o negocio com extraordinaria sága-
cidade, pois d'elle dependia seu porvir, até
que conseguio por meio de falsos mensagei-
ros, que o rei se decidisse a ir de incognito
visitar á Mathilde.

A condessa recebeu o aviso aquella ma-
nhã, e por isso a vimos ao principio do ca-
pitulo, summamente attenta ao rumor que
formavam as carruagens em o pavimento
das ruas.

Agora facilmente advinharão nossos leito-
res o effeito que produziu n'ella, a apari-
ção do conde de Malvar, a determinação de
Mathilde e a chegada do rei :

Este triplice acoutecimento era como um
laço que opprimia sua garganta.

José Napoleão entrou vestido de preto,
envolto em um largo casacio forrado de
seda, chapéo de côpa, e sem nenhuma in-
signia que annunciassse sua alta dignidade.

— Senhora, disse inclinando-se, creio que
tenho a honra de saudar a condessa de Se-
galvo.

— Sou uma humilde servidora de V. M.
— José I franziu um pouco as sobrancelhas, e olhou ao cavalheiro que o acompanhava.

Este apressou-se a avisinhar-se ao ouvido da condessa, e lhe disse algumas palavras secretamente.

— Ah! perdoo... o Sr. Marquez pôde tomar assento em sua casa, proseguio a ancião inclinando-se.

O rei só queria passar por um simples marquez.

Tomou assento o irmão de Napoleão, quasi em frente do lugar em que se achava Mathilde. Desde logo fixaram-se seus olhos na joven.

O conde Malvar, immovel, desde o sitio que occupava, abraçava toda a scena, e comprehendia a turbulencia agitada em aquellos corações.

— Senhora, disse José I, depois que por um instante olhou ao ancião, este cavalheiro deve ser um intimo amigo vosso.

— Oh! sim, senhor: contestou a condessa, occultando com um sorriso o terror que lhe causava a reconvenção do rei.

— E esta joven?
— E' minha filha.

Mathilde inclinou-se tremendo, sentindo sobre si o peso do olhar de José.

Este, por sua parte, poz-se a contemplar a poderosa formosura da joven. Ao principio pareceu indifferente; porém depois, uma pallidez mortal cubriu suas faces e se estendeu por seu rosto: a belleza de Mathilde não só o havia sorprendido, senão que havia ferido seu coração com tanta força, que por alguns instantes julgou-se que ia perder a reserva e a prudencia que seu caracter requeria.

A ferida era mortal: aquella pallidez era precursora da tormenta que principiava a rugir em seu peito.

— O conde de Malvar sorria-se.
— Tens uma filha adoravel, exclamou o rei por ultimo, dirigindo-se à condessa: confio que desde aqui em diante esse formoso astro brillará em os principaes salões de Madrid.

Estas palavras equivaliam á uma ordem.
— Minha filha, senhor, é affeiçãoada ao retiro, contestou a condessa.

— Ella se affeiçãoará ao esplendor da elevada sociedade á que está chamada. Por fortuna se dispõe uma festa em palacio, e seria uma falta imperdoavel que não assistisse vossa filha: prometto-vos bilhetes de convite.

A condessa inclinou-se, e o rei voltou á fixar seus olhos em Mathilde. Porém n'aquelle momento o conde de Malvar não teve inconveniente em dizer:

— Devo faser-vos presente uma cousa, cavalheiro.

José I voltou a cabeça com orgulho; pois ainda que se valia do incognito, não acreditava que fosse desconhecido o estremo de que um desconhecido lhe dirigisse a palavra com aquella liberdade.

Olhou ao conde com insolencia, emquanto a condessa principiou a tremer.

— Me dizeis a mim? disse José Napoleão, midindo-o dos pés á cabeça.

— Tivees honra, contestou o ancião

com tão profundo sangue frio, que obrigou ao rei á occultar sua cólera, para não ver-se humilhado naquelle momento.

— E bem, que dizeis? perguntou, adoptando o partido de não descobrir-se.

— Queria faser uma observação.

— Fazei-a.

— Tive o praser da ouvir que offerceis bilhetes para uma festa que deve dar-se em palacio.

— Pretendeis algum?

— Teria uma duzia se os necessitasse, contestou o conde com indifferença.

O rei mordeu-se os labios de despeito.

— Então, não vos comprehendí, disse tornando-o a olhar.

— Effectivamente. Queria diser que parte desses bilhetes são inúteis.

— Como!

E ao mesmo tempo o rei devorava em silencio o furor que o affogava. Todos olhavam ao conde com assombro.

Este sem perder sua serenidade, contestou:

— Por que esta joven,—e apontou para Mathilde,—não poderá concorrer á essa brilhante reunião.

José I olhou á condessa, e conheceu que estava atterrada.

— Oh! é estranho isso, cavalheiro, murmurou surdamente.

— Esta joven, contestou o conde de Malvar inclinando-se, sahe fóra de Madrid dentro de algumas horas.

— Então se marcha! exclamou o rei intruso, sentido que esta noticia feria profundamente seu coração.

Já tive a honra de vol-o manifestar, contestou com inteireza o ancião.

José I olhou á condessa: esta affogada pela cólera e confundida pela temeridade de Malvar, não sabia que faser.

Todas aquellas situações estavam suspensas como de um fio, para produzir uma catastrophe.

O rei o comprehendeu assim: vio que sua dignidade estava altamente comprometida, e levantou-se.

Sinto, senhora, disse ao despedir-se, que vossa filha não possa adornar com sua presença as festas que vos annunciei: e respeito á este cavalheiro, que tanto interesse manifesta por esta joven, fazei-lhe entender que ha desejos que pôdem ser ordens, sequer se opponham á ellas vontades alheias.

José Napoleão, sem esperar contestação, saudou com alívex continente, e affastou-se d'aquelle sitio com uma ferida n'alma e com uma mancha no rosto.

— Repito-vos as ultimas palavras do rei, exclamou o conde de Malvar, offercendo de novo o braco á Mathilde. *Ha desejos que pôdem ser ordens.* Os meus se limitam á dizer-vos, que não torneis a comprometter a honra desta joven; porque então, quem sabe, se se levantará algum cadaver de sua tumba para oppor-se á vossa vontade?

CAPITULO XIX

Dois corações castelhanos.

Alguns dias depois das scenas que achamos de descrever, o conde Malvar, ou o